

# OS ESTUDOS DA SIGNIFICAÇÃO NO BRASIL UMA HISTÓRIA ENTRE O NATURAL E O HIS- TÓRICO NO SÉCULO XIX<sup>1</sup>

**Eduardo Guimarães**  
DL-IEL/LABEURB-NUDECRI  
UNICAMP

*RESUMO: Este texto estuda, tomando como objeto a obra de Pacheco da Silva Jr., a constituição da semântica no Brasil no final do século XIX, considerando sua relação com o processo de gramatização brasileira do português. Observa-se como nesse processo o pensamento do autor movimenta-se do naturalismo para o histórico. Esta passagem se configura pela constituição de um sujeito sócio-político da língua (o povo) fundamentada numa tensão ético-política entre o princípio da unidade do Estado e o princípio da diferença que constitui o brasileiro.*

*ABSTRACT: This piece of research studies the constitution of Semantics in Brazil at the end of the 19th century taking as object the work of Pacheco da Silva Jr., whence the relation of the constitution of the discipline with the process of Brazilian grammatization of Portuguese is pondered. The way the thinking of the author moves from a naturalist to a historical approach is observed: this passage is developed through the constitution of a socio-political subject of language (the people), which is founded upon an ethical-political tension between the principle of unit of the State and the principle of difference which constitutes the Brazilian character.*

## 1. Introdução

A PERIODIZAÇÃO que estabeleci (Guimarães, 1994) para os estudos do Português no Brasil considera quatro períodos: o primeiro, do século XVI até meados do século XIX (período em que há poucos estudos sobre o português feitos no Brasil); o segundo, de meados do século XIX até o final dos anos 30 do século XX, quando são criados os cursos de Letras no Brasil (neste período se instala, efetivamente, o campo de estudos sobre o Português); o terceiro, dos anos 40 a meados dos anos 60 (quando a Lingüística é introduzida nos cursos de Letras e iniciam-se os cursos de pós-graduação em Lingüística): neste período os estudos se ampliam para

outras áreas e diminui a predominância dos estudos gramaticais e normativos. O quarto período é o atual (neste período os estudos sobre linguagem desdobram-se nas diversas áreas em que este domínio de conhecimento tem produzido).

Dentro desta periodização, podemos ver como o final do primeiro período e início do segundo trazem já alguns pontos que percorrerão toda a história dos estudos de linguagem no Brasil, de algum modo até o momento atual. Entre estas questões está a da especificidade do Português do Brasil, sua dialeção, etc. Neste momento, segundo disse em “Sinopse dos Estudos do Português no Brasil”, põe-se em curso a gramatização brasileira do Português. Este processo faz parte da constituição de um novo espaço de produção linguística<sup>2</sup>. Minha reflexão sobre a constituição dos estudos da significação no Brasil no final do século XIX se dará levando em conta este quadro.

A questão da significação se coloca no Brasil, no campo dos estudos do Português, na mesma época em que a gramatização brasileira do português se põe em curso e se constitui pela mão destes mesmos gramáticos. O destaque neste caso cabe a Pacheco da Silva Jr. que, já na sua *Grammatica Historica da Lingua Portugueza* de 1879, trata de questões relativas à mudança de sentido das palavras. A segunda edição de sua *Grammatica da Lingua Portugueza*, em 1894 (publicada em co-autoria com Lameira de Andrade), inclui uma seção chamada “Semantica.” Além disso é sua a primeira obra de semântica no Brasil. Seu *Noções de Semantica* é publicado em 1903, logo após a sua morte. Nesta obra, no final da introdução nos diz: “A semantica é da maior importância para o estudo da evolução linguistica: a gramatica, codificação das leis promulgadas pelo povo, consiste em grande parte em phenomenos semanticos” (Silva Jr., 1903, p. 17).

Pacheco Silva estava em contato com a produção de conhecimento sobre o sentido daquele momento. A própria terminologia que usa dá conta disso. Ao apresentar, na *Grammatica da Lingua Portugueza*, as partes da gramática, diz que ela se divide em fonologia, morfologia e semeiologia (que diz ser o estudo do sentido das palavras e da sua variabilidade - semântica) e etymologia. Ele nomeia o campo da significação a partir de um termo vindo de uma tradição alemã e um dos aspectos deste campo por um termo vindo da tradição francesa. Esta diversidade terminológica aparece também em outra passagem da mesma *Grammatica da Lingua Portugueza* “a semeiotica é uma das fontes para a formação, não de

vocábulos novos, mas de novas significações” (Silva Jr. e Andrade, 1894, p. 35). Mesmo em *Noções de Semantica*, obra que já assume uma certa estabilidade da denominação *semantica*, encontramos “é justamente um caso semantológico, e em todas as sciencias...” (Silva Jr., 1903, p. 12).

Para a reflexão que aqui me proponho, vou analisar como as obras de Pacheco Silva Jr. formulam a semântica no Brasil no final do século XIX. Vou tomar para análise o funcionamento enunciativo que dispõe nestas obras os conceitos, noções, categorias e descrições do sentido. A organização enunciativa, o como se diz, é um processo de determinação. Analisar este processo é buscar interpretar como e quais determinações se dão num acontecimento específico de linguagem, um texto, por exemplo. Acontecimento de resto determinado por outros acontecimentos anteriores e posteriores.

## 2. A Significação na Obra de Pacheco Silva Júnior

Pacheco Silva estuda, desde sua *Grammatica Historica* (1879), os brasileirismos. Este estudo se coloca no final da gramática, na seção “Dialeto, Provincialismos, Brasileirismos”. A diferença entre o Português do Brasil e o de Portugal é feita na base da indicação de diferenças de sentido entre palavras ou da existência de palavras novas no português do Brasil tomadas às línguas indígenas ou africanas.

Para melhor compreender esta questão é preciso considerar o que ele diz sobre mudança de significação no corpo da gramática na parte “Formação da Língua Portuguesa”: “Ainda ha na formação das palavras as modificações logicas do dominio da morphologia e etymologia, a que os rhetoricos chamam *tropos*. Estas alterações constituem o segundo aspecto das palavras, as quaes mudam de sentido ou significação, conservando a mesma fôrma e alguma relação com o objecto primitivo. E assim dizemos: *braço ou pé da cadeira, perna do compasso, pé de flôr ou do monte, olho da enxada; cobre, musselina, cachemira, arminho*, posto que esses objectos não nos venham mais de Chypre, Mossul, Cachemira e Armenia; *papel*, comquanto para o seu fabrico não mais se empregue o *papyrus; lunatico*, apezar de ninguém mais attribuir a loucura á influencia da lua; *indio* em referencia aos aborigenes da America pelo engano que fizeram os primeiros navegadores hespanhóes...

Estas mudanças de applicações são mais ou menos fundadas na analogia, e dão mais vigor e laconismo á phrase.” (Silva Jr, 1879, p. 75-76)

Concluindo esta parte da gramática diz o autor: “São estas as principaes tendencias a que obedece a lingua no seu desenvolvimento natural, as principaes alterações expontaneas e fecundas da vida intellectual dos povos” (idem, p. 77).

Ou seja, quando ele introduz os brasileirismos ele está pensando a partir de uma posição que considera a questão da mudança de sentido como parte do estudo da linguagem. E é isto que o leva, no corpo da obra, a esta categoria. Interessa neste caso que ele nomeia esta categoria pela relação que ele estabelece, aqui ainda transversalmente, entre o fato que analisa e o sujeito da linguagem, o povo.

Sujeito que acaba por ser determinado pela língua que fala. Língua que possui um “caracter”. Como diz Pacheco Silva: “O *character* de uma lingua muito depende do vocabulario: a palavra é um membro vivo do organismo da linguagem: é a molecula integrante da phrase. Póde-se, pois, deduzir o *character* de uma lingua do de suas palavras: o *genio* só se manifesta na sua morphologia” (Silva Jr, 1879, p. 81).

Dizer que o vocabulário inclui brasileirismos significa, mesmo que não se diga, determinar a língua como brasileira, como tendo um caráter brasileiro.

Ganha interesse este aspecto, ainda mais, na medida em que observamos que sua *Grammatica da Lingua Portuguesa* (com Lameira de Andrade) inclui este estudo sobre as diferenças lexicais do português do Brasil no início da Gramática, como que caracterizando a gramática como dizendo respeito ao Português do Brasil e que se destinava ao ensino da Língua Vernácula no Brasil. Poderíamos interpretar este aspecto como sendo mais um dos elementos do que caracteriza, como mostrou E. Orlandi (1997), a questão da autoria brasileira de gramática.<sup>3</sup>

Como já disse antes, nesta Gramática seus autores já incluem, na sua segunda edição, uma seção sobre semântica, numa operação de incluir a semântica na gramática. Operação diversa daquela que está no *Noções de Semantica*, em que Pacheco Silva inclui a gramática na semântica, como veremos mais à frente ao tratarmos do modo como ele formula a organização dos capítulos da obra. De um certo modo ele prenuncia esta posição ao final da introdução ao dizer que “a grammatica, codificação das leis promulgadas pelo povo, consiste em grande parte em phenomenos semânticos” (Silva Jr, 1903, p. 17). Ou seja, num certo sentido, ele assume o ponto de vista de Bréal para quem a semântica é uma nova disciplina científica para o estudo da linguagem. Sobre isto podemos lembrar aqui o que disse S. Delesalle (1987): “Avec l’ *Essai de Sémantique* de M. Bréal,

le processus d'autonomisation du linguistique s'accroît, en ce qu'on y trouve à la fois une assimilation des acquis comparatistes, sans asservissement à ceux-ci, et un renforcement du lien avec la tradition française d'analyse de la langue, rendu justement possible par le projet de fonder une science: la sémantique, qui ne traite pas d'une partie de la langue mais soit posée comme centrale, et repose sur une dynamique qui ne soit pas celle de l'Être mais spécifiquement de l'Homme" (p. 279).

### 3. Do Naturalismo ao Histórico

Na introdução de *Noções de Semantica*, Pacheco Silva nos diz "Somos hoje accordes com os últimos pareceres philologicos em que a linguagem deve fazer parte das investigações históricas e não das sciências naturais" (Silva Jr., 1903, p. 12). Esta posição parece distanciar o semanticista Pacheco Silva do gramático histórico. Na *Grammatica Historica* (1879) ele nos dissera, logo no primeiro parágrafo da obra, "A sciência da linguagem faz parte da historia natural: é um conjunto organico cujo estudo pertence ás sciencias biologicas, e mais propriamente á anthropologia" (p. III). O que ele precisa mais à frente dizendo: "Whitney, Sthenthal e outros, impugnando o geral parecer dos glottologos, julgam ser a linguagem producto da acção consciente do homem, e, consequentemente, sciencia historica e moral. Com esta opinião não coincidem as de M. Muller, Schleicher, Ascoli, Littré, Pezzi, Bréal, Gaston Paris, Hovelacque, e muitos outros que longo fôra enumerar, para quem a explicação da linguagem pertence á natureza e não á história.

É este também o nosso particular conceito"<sup>4</sup> (p. III-IV).

Este percurso de seu pensamento está articulado com a inversão da direção de inclusão da semântica na gramática para a gramática na semântica acima indicada.

A presença, desde a *Grammatica Historica*, das preocupações semânticas no pensamento de Pacheco Silva é, sem dúvida, o elemento que leva a este deslocamento de posições e lhe dá interesse. Lembremos aqui como o pensamento de Darmesteter está também afetado por este tipo de incerteza. Na busca de dar os fundamentos de uma ciência das mudanças de sentido das palavras, o autor de *La vie des mots* traz para o campo de suas considerações as questões psicológicas e sociais. A este propósito nos diz S. Delesalle: "Ce champ est celui d'une linguistique qui n'a pas encore de nom; qui traite de la structuration interne du langage

autant que des rapports du langage et du monde ou du langage et de la pensée, mais en traite avec des formulations tâtonnantes et qui vont en tous sens” (Delesalle, 1987, p. 274).

Se retomo aqui Darmesteter é porque Pacheco Silva o cita de modo bastante direto em muitos momentos de sua produção: desde a *Grammatica Historica* até seu *Noções de Semantica*. A presença das reflexões de Darmesteter está presente não só nas considerações de concepção geral da linguagem como também nos procedimentos de descrição da língua. Um caso muito específico é o que diz respeito ao estudo da composição e derivação de palavras.

Mas vamos à caracterização de *Noções de Semantica*. Para isso retomo a afirmação do autor segundo à qual está de acordo com a posição dos que consideram que a linguagem deve “fazer parte das investigações históricas e não das sicências naturaes”. Tem-se aqui, de algum modo, uma referência a Bréal, sem citá-lo. Pacheco Silva nos diz no prefácio da obra ter conhecido o *Essai de Sémantique* só depois de concluído seu trabalho. Diz, no entanto, que fez mudanças na sua obra a partir do conhecimento do *Essai*. Esta referência a Bréal interessa também por outros aspectos. Em seguida à afirmação de que considera a Linguística nos estudos históricos, Pacheco diz discordar daqueles que julgam que não se devem usar as metáforas orgânicas para falar da linguagem. Mais uma vez uma referência a Bréal sem citá-lo. Agora como discordância. Assim Pacheco argumenta a favor da atualidade de seu trabalho e mantém o espaço de uma reflexão que vinha realizando a partir de outras bases.

Pacheco se coloca, então, na posição de considerar a linguagem como histórica, mas, ao mesmo tempo, de considerar que a linguística não precisa se desfazer de sua remissão às ciências naturais, onde deve buscar as metáforas para construir os conceitos para a linguística. A linguagem passa a ser um objeto das Ciências Humanas, mas analisado a partir de um discurso das ciências naturais, mais notadamente da biologia.

Dado este “litígio amigável” com Bréal, seria interessante ver como o *Noções de Semantica* se organiza, relativamente à obra de Bréal. Como sabemos, o *Essai de Sémantique* contém três partes: “As leis intelectuais da linguagem”, “Como se fixou o sentido das palavras”, “Como se formou a sintaxe.”

Se observamos, em contrapartida, a obra de Pacheco Silva, vemos que ela começa por uma introdução em que o autor repassa posições que busca em autores como Whitney, Darmesteter e Bréal. O corpo da obra tem

quinze capítulos sem divisão em partes, que descreve as mudanças de sentido das palavras, da morfologia e da sintaxe. Comparado com o livro de Bréal, o que se observa é que o primeiro capítulo do *Noções de Semantica* trata da analogia, que é uma lei de mudança para Bréal (e está na primeira parte do *Essai*). Os capítulos de dois a dez tratam de como as mudanças produzem resultados nas palavras (o que seria a segunda parte do livro de Bréal). Dos capítulos de onze a quinze, Pacheco Silva trata de questões de mudanças gramaticais, morfológicas ou sintáticas (o que corresponderia à terceira parte do trabalho de Bréal).

Para Pacheco Silva a analogia é, pois, a única razão que determina a mudança de sentido. Todas estas mudanças (extensão ou restrição de sentidos; diferenciação, assimilação, contágio, concreção, especialização e mesmo composição e derivação) se devem à ação da analogia. Neste sentido *Noções de Semantica*, do ponto de vista da sua organização, dá uma força à ação da analogia mais definitiva do que a que lhe dá o *Essai de Sémantique*. Sabemos que o autor do *Essai* considera a analogia o princípio fundamental do funcionamento da linguagem, mas ele toma a analogia como uma lei (regularidade) entre um conjunto de outras sete leis (regularidades). A disposição da analogia na organização da obra lhe atribui um valor mais próximo do papel que lhe dá Darmesteter na *Introdução de La vie des mots*.

Se este “litígio amigável” nos permite circunscrever a importância do conceito de analogia para Pacheco, observemos agora como ele a trata e como isto organiza seu pensamento.

#### **4. A Analogia e a Ética da Inclusão do Povo**

A analogia é, para Pacheco Silva, a razão das mudanças linguísticas. Segundo ele “o povo, diante da necessidade de exprimir idéias novas, em lugar de criar novas palavras, serve-se de termos conhecidos mudando-lhes ou renovando-lhes os sentidos” (Silva Jr.: 1903, p. 19). E faz isso tomando como “modelo” elementos existentes na própria língua. Ele diz, por outro lado, que as mudanças de sentido se dão através dos tropos e figuras que se originam na ação da analogia (idem, p. 30). É nessa perspectiva que se deve, por exemplo, entender o que diz no capítulo cinco em que trata da adaptação e assimilação: “a palavra não fica estreitamente prisioneira da hereditariedade. Pode modificar-se, em certa medida, sob a influência de condições externas” (idem, p. 62). Para ele as mudanças se dão pela ação da analogia por influência de condições externas.

E como agem estas condições externas? pela ação do povo, para quem estas condições externas impõem necessidades novas. Neste ponto é que podemos ligar as duas pontas deste percurso: de um lado a gramatização brasileira do Português e de outro a constituição da semântica no Brasil.

A necessidade de estudar o léxico no Brasil está ligada em Pacheco Silva, como de resto em vários lingüistas e lexicógrafos brasileiros da época<sup>5</sup>, a problemas práticos de descrição motivados por um projeto intelectual de estabelecer, em seguida à Independência, a especificidade do Português no Brasil. Estes problemas práticos, por outro lado, colocam em cena as mudanças de sentido das palavras como maneira de descrever as diferenças entre Brasil e Portugal.

Neste sentido torna-se importante observar como Pacheco Silva, ao configurar a questão da analogia, coloca em cena, como sujeito da ação analógica, o povo. Sabemos como o povo está, de uma maneira ou de outra, sempre presente no comparatismo do Século XIX. Se como diz S. Delesalle, a propósito de Bréal, a semântica “répose sur une dynamique qui ne soit celle de l'Être, mais de l'Homme” (Delesalle, 1987, p. 279), podemos também considerar que para Bréal o sujeito da língua é o Homem determinado enquanto povo que é “le dépositaire et le fabricant du langage” (Bréal, 1897, p. 27). Para Darmesteter, por outro lado, o sujeito é o indivíduo: “les néologismes, comme les autres faits de langue, ont habituellement pour causes des actions individuelles” (Darmesteter, 1886, p. 89). Mas esta ação é tomada pela língua somente se as mudanças “trouvent une complicité dans la manière de sentir et de penser de la foule qui en accepte” (idem, 89-90). *Foule* (massa) que ele retoma em seguida nomeando-a *peuple* (povo), para dizer que deve haver um acordo entre o autor das mudanças e o *povo* (idem, 90).

Meu objetivo aqui é caracterizar o papel desta noção (povo) em Pacheco Silva. É preciso levar em conta diferenças devidas às condições de suas formulações. Se tomamos sua posição este sujeito coletivo na sua *Grammatica da Lingua Portugueza* (que inclui os brasileirismos no início da obra), tem-se o *povo* enquanto um sujeito nacional que deve aprender a língua sob o signo da correção. Em outras palavras, o sujeito coletivo é determinado enquanto identificado pela ação da instituição escolar.

Se observamos, por outro lado, o próprio modo como este sujeito é constituído no interior do *Noções de Semantica*, podemos observar que se trata em certa medida de um sujeito psicológico coletivo. Tomemos,



por exemplo, uma seqüência no capítulo sobre analogia, em que ele formula e especifica a ação do povo: “O povo desconhece o sentido dos suffixos, mas pelo uso continuo de palavras com elles formadas, crêa outros derivados directamente analogos, e muitas vezes inconscientemente. Os eruditos formaram *altruismo*, *optimismo* (suff. *ismo* = lat. *ismus*, grego *ismos*, de *ismê*, espírito); o povo, sem cogitar da significação do suffixo, foi com elle creando outros vocabulos (sebastianismo, florianismo, burrismo, caftismo, etc).” (idem, p. 28)

Ou seja, estamos diante de um sujeito *povo* enquanto sujeito coletivo psicológico: está em questão como uma coletividade política age intelectualmente pela linguagem. Mas aqui cabe recolocar a questão do que o próprio Pacheco Silva chamou os Brasileirismos. Ou seja, o povo no Brasil muda o sentido das palavras segundo as condições externas brasileiras. O que ele, enquanto gramático, chama de brasileirismos, resulta de uma ação específica deste sujeito coletivo específico: o povo brasileiro. E é este sujeito brasileiro que ele configurou na sua *Grammatica da Lingua Portuguesa* (uma gramática escolar) quando coloca a questão dos brasileirismos no início da gramática.

Nas condições brasileiras, a construção do pensamento de Pacheco Silva coloca em cena um sujeito social remetido ao Estado e à constituição da Nação. E isto significa afirmar que embora isto não esteja formulado directamente, o pensamento de Pacheco Silva inclui um compromisso político específico, uma formulação de política específica sobre a língua portuguesa no Brasil.

Este percurso de Pacheco Silva tem como base uma concepção do sujeito da linguagem. Em verdade, de um sujeito da língua, o povo, que se formula desde sua *Grammatica Historica*, preparando as condições da inversão que o fez passar do biologismo ao histórico, da inclusão da semântica na gramática, à inclusão da gramática na semântica.

Desta maneira o deslize do Homem (a pessoa) para o Povo, como fundamento da configuração do sujeito em Pacheco Silva, dá novas condições que se agregam aos outros movimentos do pensamento do autor de *Noções de Semantica*.

Pode-se dizer que o projeto de descrever uma língua para construí-la como língua nacional estabeleceu estas novas condições que criaram um percurso muito particular.

A constituição deste sujeito coletivo sócio-político se fundamenta numa ética que fica tensionada entre um princípio ético de unidade, uma

ética do Estado que busca a homogeneização (que inclui a semântica na gramática), e um princípio ético da diferença, que pode abrigar os brasileirismos e provincialismos, e que inclui a gramática na semântica<sup>6</sup>. Esta oscilação ética acompanha de uma certa forma uma oscilação teórica: aquela que o faz passar do biológico ao histórico, como concepção de linguagem. O que corresponde a passar de uma gramática histórica como forma de dizer o conhecimento para uma semântica, na qual se apresenta de uma maneira direta o povo como sujeito da língua.

## Conclusão

A passagem da enunciação da semântica como parte da gramática para a enunciação da gramática como parte da semântica tem, na obra de Pacheco da Silva Jr., uma configuração enunciativa que se desloca de uma formulação naturalista para uma formulação histórica tendo como base a metaforização dos conceitos da primeira formulação pela segunda.

A obra de Pacheco Silva vai do biológico ao histórico reconfigurando a própria forma de enunciar o conhecimento sobre a linguagem. É interessante ver como esta operação é, em verdade, a colocação em prática, no próprio dizer científico, do princípio da analogia, desta mesma obra, como o que fundamenta o funcionamento da linguagem. Ou seja, a obra de Pacheco Silva opera a configuração de uma analogia entre o orgânico e a linguagem como forma de afirmar o histórico. O histórico é enunciado na sua semântica por metáforas do biológico. Nesta linha vou lembrar aqui uma passagem da introdução do *Noções de Semântica* em que o autor está caracterizando a evolução da linguagem como progressiva e regressiva, chegando a dizer “Em nosso parecer, pois, a semântica representa a evolução regressiva da linguagem” (Silva Jr., 1903, p. 14). E logo a seguir diz: “Para provar a existência da evolução regressiva na linguagem, basta também estudarmos as línguas pelo método da comparação, e conhecermos que todas elas possuem vocabúlos atrofiados, de sentidos reduzidos, restrictos, e bem assim sobrevivências” (Silva Jr., 1903, p. 15). Ou seja, aquilo que caracteriza a semântica, a evolução regressiva, são *atrofias*. Metáfora que ele mesmo cuidou de explicitar e sustentar logo a seguir dizendo: “A eliminação dos vocabúlos, Já Whitney deixou provado, concorre para o desenvolvimento da *linguagem* como a atrophia nos seres organicos” (idem, p. 15).

Interessa, então, de modo particular, o fato de ele considerar que o sujeito da linguagem, o povo, enquanto qualificado, sem que o autor o diga ou saiba, pelos “brasileirismos” que construiu na língua, é parte desta operação que transforma uma concepção constituída em bases biológicas em metáfora para constituir uma outra concepção, agora histórica.

Como a constituição deste sujeito sócio-político se fundamenta numa relação tensionada entre uma ética da unidade e uma ética da diferença, ganha interesse afirmar que essa tensão ético-política constitui o processo pelo qual Pacheco Silva transita do orgânico (da gramática) para a semântica.

## Notas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na “8 th International Conference on the History of Language Sciences”, na Ecole Normale Supérieure à Fontenay aux Roses, França, setembro de 1999.

<sup>2</sup> Sobre este assunto ver Orlandi e Guimarães (1998) “La Formation d’ un espace de production linguistique. La Grammaire au Brésil”. Nos termos de S. Auroux (1994), trata-se da constituição de uma outra hiperlíngua do Português, a Hiperlíngua brasileira.

<sup>3</sup> Ver aqui mesmo artigo da autora sobre o assunto.

<sup>4</sup> Não se pode deixar de registrar alguns enganos de Pacheco Silva Jr. ao atribuir posições teóricas a certos autores.

<sup>5</sup> Sobre a história do dicionário no Brasil ver Horta Nunes (1996).

<sup>6</sup> Sobre ética e linguagem ver, por exemplo, Auroux (1998) e Orlandi (1998).

## Bibliografia

- AUROUX, S. (1994), “A Hiperlíngua e a Externalidade da Referência”. *Gestos de Leitura*. Campinas, Editora da Unicamp.
- AUROUX, S. (1998), *La Raison, le langage et les normes*. Paris, PUF
- DARMESTER, A. (1886), *La vie des mots*. Paris, Delagrave, 1932.
- DELESALLE, S. (1987), “Vie des Mots et Science des significations: Arsène Darmesteter et Michel Bréal”. *DRLAV*, 36-37, Paris, Université Paris VIII.
- GUIMARÃES, E. (1996), “Sinopse dos Estudos do Português no Brasil”. *Língua e Cidadania*. Campinas, Pontes.
- ORLANDI, E.P. (1997), “O Estado, A Gramática, A Autoria”. *Relatos*, 4. Campinas, Unicamp.
- ORLANDI, E.P. (1998), “Ética e Política Lingüística”. *Línguas*, 1. Campinas, Pontes.

- ORLANDI, E. P. e GUIMARÃES, E. 1998, "La Formation d'un espace de production linguistique. La Grammaire au Brésil". *Langages*, 130. Paris, Larousse.
- SILVA Jr., P. (1879), *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Hazlett.
- SILVA Jr., P. (1894), *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves,
- SILVA Jr., P. (1903), *Noções de Semantica*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.